

Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?: colaborações, críticas e curiosidades

¿Cómo enfrentar las desigualdades de la academia global en los estudios de comunicación?: colaboración, crítica y curiosidad

■ SILVIO WAISBORD^a

George Washington University, Washington, Estados Unidos

RESUMO

Existem profundas desigualdades e hegemonia da academia do Norte Global a partir de publicações, referências e órgãos editoriais de periódicos. O lugar preponderante do inglês como *lingua franca* da academia global coroa a hegemonia de acadêmicos, perspectivas e temas em universidades norte-americanas e europeias. Isso mostra a constante marginalização e invisibilidade de acadêmicos e “estudos do Sul”. Este trabalho propõe como estratégias: consolidar espaços de reconhecimento e apoio; cultivar redes de colaboração e pesquisa com perspectivas comparativas e integradoras; e participar de espaços compartilhados (corpos editoriais, liderança de associações, avaliação/crítica de trabalho e propostas).

Palavras-chave: Academia global, desocidentalização, cosmopolitismo acadêmico

RESUMEN

Hay profundas desigualdades y hegemonía de la academia del Norte Global ejemplificadas por publicaciones, referencias y cuerpos editoriales de revistas, y el lugar preponderante del inglés como *lingua franca* de la academia global. Esto contribuye a la persistente marginalización e invisibilidad de académicos y “estudios del Sur”. Frente a esta situación, este trabajo plantea tres estrategias: Consolidar espacios de reconocimiento y apoyo; Cultivar redes de colaboración e investigación con perspectivas comparativas e integradoras; y Participar en espacios compartidos.

Palabras clave: Academia global, desoccidentalización, cosmopolitanismo académico

^aProfessor na Escola de Mídia e Assuntos Públicos na George Washington University.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0026-7111>.
E-mail: waisbord@gwu.edu

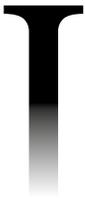
DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v17i3p295-315>

V.17 - Nº 3 set./dez. 2023 São Paulo - Brasil SILVIO WAISBORD p. 295-315

MATRIZES

295





Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

AS ÚLTIMAS DÉCADAS foram tempos de internacionalização e globalização acelerada do campo da comunicação. Por internacionalização entendo a expansão de fluxos de pesquisas, teorias e conceitos, bem como de instituições acadêmicas (universidades, programas, periódicos, associações profissionais) no mundo. A globalização diz respeito a conexões e participação de acadêmicos espalhados pelo mundo em comunidades acadêmicas transnacionais, por meio de colaboração e envolvimento em projetos, publicações e conferências. Enquanto a internacionalização enfatiza questões institucionais/estruturais, a globalização alude a dinâmicas de conexão e participação.

Esse panorama certamente não é único em nosso campo de estudo, mas reflete dinâmicas gerais na academia global, amplamente documentadas em outras disciplinas (Cannizzo & Osbaldiston, 2019; Heilbron, 2023). Nenhum país da América Latina, da África ou do Oriente Médio está entre os primeiros vinte países em termos de gastos com ciência e pesquisa mundialmente. Os Estados Unidos, com mais de 720 milhões de dólares, e a China, com mais de 580 milhões, somam quase 50% do total mundial (Congressional Research Service, 2022). Tendências semelhantes são encontradas na produção científica e na publicação de artigos acadêmicos em várias disciplinas, em que os Estados Unidos, a China, a Europa Ocidental, o Japão e a Austrália figuram de forma proeminente nos rankings dos países mais produtivos (“The ten...”, 2020).

A globalização responde a processos diferentes e simultâneos – do interesse em internacionalizar o campo de estudo até demandas por “desocidentalizar” o pensamento em comunicação. Por um lado, há maior interesse em extensas áreas do Norte Global de “internacionalizar” a academia – expandir o alcance de universidades, programas, publicações e associações. Aqui convivem várias lógicas – de interesses econômicos de universidades e editoras em abrir mercados mundiais até intenções intelectuais de enriquecer o conhecimento, nutrindo-se de pesquisas e ideias de diferentes procedências.

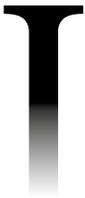
Por outro lado, outros movimentos convergem no Norte Global e no Sul Global. A diversificação gradual de escolas de comunicação e mídia no Norte Global é o produto da entrada de acadêmicos nativos e migrantes com diversas biografias e pertencimentos sociais, interessados em temas e abordagens fora do *mainstream* tradicional, incluindo epistemologias do Sul. Esses grupos exigem inclusão e reconhecimento da interseccionalidade da academia e a incorporação de linhas de pesquisa e quadros teóricos que expandam e critiquem o conhecimento herdado. Ao mesmo tempo, há um crescente interesse entre acadêmicos (e universidades) no Sul Global em participar de redes de associações, conferências e periódicos do Norte Global. Essa motivação é impulsionada tanto pelo interesse em construir pontes com colegas de outras latitudes quanto

pelas expectativas das universidades de figurar e escalar posições em rankings mundiais. Com esse objetivo, vêm contratando acadêmicos com doutorados em universidades de prestígio mundial (geralmente localizadas no Ocidente) e valorizando diferentes formas de participação internacional em conferências, grupos de pesquisa, publicações, corpos editoriais e comitês financiadores.

Embora esses processos não sejam estritamente novos, existem elementos característicos. No Sul Global, os estudos de comunicação têm sido historicamente internacionalizados e globalizados. Onde quer que se olhe, encontram-se vestígios da exposição e do tráfico de ideias ocidentais, seja como modelos influentes ou referências rejeitadas ou digeridas de acordo com as realidades e as tradições de pensamento local e regional, produto da expansão e da posição dominante da Europa Ocidental e dos Estados Unidos na circulação mundial de ideias.

Na América Latina, os estudos de comunicação são uma ilustração perfeita dessa condição. Seu percurso histórico é impensável sem a abertura, as influências e a interação crítica com tradições do Norte Global, especialmente a partir do período pós-guerra. Isso se reflete na rica tradição fundacional e contemporânea que questiona, se nutre e toma posição diante de um leque de trabalhos e ideias – das teorias do funcionalismo e da modernização de cunho norte-americano até correntes estruturalistas, semióticas e marxistas europeias. O metabolismo constante de ideias “estrangeiras” produziu uma rica tradição híbrida, impulsionada pelo interesse em peneirar bagagens teóricas e debates do Norte Global de acordo com interpretações e reapropriações locais e regionais (Enghel & Becerra, 2018; Fuentes-Navarro, 2016; González-Samé et al., 2017; Vassallo de Lopes & Romancini, 2016).

Os estudos de comunicação latino-americanos têm sido historicamente localizados na interseção de saberes acadêmicos de diferentes origens. Essa condição explica o interesse inicial em interrogar o vínculo poder/conhecimento e as desigualdades nos fluxos de ideias, teorias, conceitos e argumentos. Muito antes de essas questões ganharem atenção no Ocidente ou ganharem força em recentes apelos à descolonização do pensamento (Moyo, 2020; Mutua et al., 2022), os estudos latino-americanos já confrontavam esses temas, questionando as condições da produção de conhecimento no cruzamento de tradições epistemológicas e políticas. De fato, a preocupação com a autenticidade e a “dependência” do conhecimento está na sua origem enquanto campo intelectual. Desde os primórdios, perguntas sobre a relevância de teorias e argumentos desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos, os vínculos entre conhecimento, poder e posição global, a necessidade de um pensamento original e nativo em sintonia com problemas particulares à região e correntes de pensamento locais e regionais percorrem a história



Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

intelectual dos estudos de comunicação. Essas posições surgiram no contexto da influência e da crítica ao pensamento desenvolvimentista (especialmente na América Latina) durante o pós-guerra, assim como em diálogo com literaturas e processos políticos e sociais imbuídos de posições críticas ao imperialismo e literaturas anticolonialistas.

Essas dinâmicas explicam a longa história de ideias e questionamentos sobre a descolonização intelectual e acadêmica, o problema da violência epistêmica e a urgência de descentralizar e indigenizar o conhecimento. Esses temas não são estritamente novos na região, mas têm sido questões essenciais na genealogia do campo. Antecede o momento atual de prestar atenção em outras regiões do mundo sob o rótulo de descolonização, dinamizado pelo multiculturalismo e pelos movimentos identitários, e as demandas de confronto do legado histórico de epistemologias racistas em sociedades como Estados Unidos, Índia, África do Sul (Oyedemi, 2020) e Austrália.

De fato, o argumento de que universidades do Sul Global adotaram estruturas ocidentais de ensino e pesquisa *tout court* não se aplica estritamente ao âmbito latino-americano. Tanto as escolas quanto os programas acadêmicos refletiram forças em várias direções entre perspectivas locais, regionais e internacionais/ocidentais. Não foram nem réplicas perfeitas de tipo ideal de formação ocidental nem foram “descolonizados” absolutamente; foram espaços de competência de uma variedade de olhares teóricos e enfoques epistemológicos. Essas questões e demandas articularam esforços para desenvolver um pensamento “latino-americano” muito antes de argumentos sobre a importância de cultivar uma “teoria do Sul” (Comaroff & Comaroff, 2012) e os “encontros com teorias ocidentais” (Jin, 2021; Keightley et al., 2023) ganharem notoriedade no Norte Global.

Esses impulsos se manifestaram em uma série de debates recorrentes: o forte ceticismo e a crítica ao positivismo, ao funcionalismo e ao psicologismo dominantes na antiga tradição norte-americana de comunicação; as culturas populares e a comunicação na periferia; a integração de posturas críticas europeias com as realidades e os movimentos autóctones. É importante ressaltar que não houve uma oposição direta às ideias ocidentais, mas processos seletivos, com debates complexos, inspirados por posturas que vão da hibridação intelectual até o essencialismo e o nativismo do pensamento local. As ideias estrangeiras vêm causando atração e repulsa, integração e rejeição. Para cada exemplo de rejeição de ideias ocidentais (por exemplo, a comunicação para o desenvolvimento de inspiração modernista, abordagens “informativistas”), há exemplos de enorme afeição por teorias de outro cunho (a semiótica, a economia política marxista, o estruturalismo de aparelhos ideológicos do Estado). A recepção das “teorias

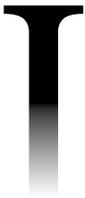
viajantes”, no sentido dado por Edward Said, foi diversa e dinâmica. Não houve uma simples importação transnacional ou uma crítica altruísta em nome da autenticidade intelectual.

MUDANÇAS E INÉRCIA

A globalização contemporânea dos estudos de comunicação gera oportunidades para o compartilhamento de conhecimento, a colaboração, os trabalhos comparativos e a aprendizagem mútua. Abundam experiências frutíferas e inovadoras que ilustram o potencial e as contribuições da globalização. Elas estimulam a desestabilização de certo provincialismo que privilegia o local em vez do interesse pelo conhecimento de diferentes fronteiras geográficas, culturais e políticas, ou em referência a questões que transcendem o cenário nacional. A globalização nos lembra que devemos ser cautelosos diante de generalizações, e posições universalistas que assumem certas ideias, teorias e conceitos são aplicáveis para além de diferenças epistemológicas e contextuais. Ela nos convida a ser modestos e a refletir sobre os limites do conhecimento.

Estudos recentes confirmam a existência de profundas desigualdades e da hegemonia da academia do Norte Global. Há uma predominância de tradições, interesses temáticos, teorias e pesquisas do Norte Global, seja em publicações, referências ou corpos editoriais de periódicos (Albuquerque et al., 2020). O lugar preponderante do inglês como *língua franca* na academia global coroa a posição dominante de acadêmicos, perspectivas e temas de universidades norte-americanas e europeias (Suzina, 2021). Números desproporcionais de pesquisadores ocidentais, especialmente homens, como autores de artigos em periódicos acadêmicos líderes (Trepte & Loths, 2020) se refletem nas expectativas de referenciar a literatura norte-americana para justificar a importância de questões de pesquisa e quadros analíticos em diferentes países (Chan et al., 2021). Essas tendências mostram a constante marginalização e invisibilidade de acadêmicos e dos “estudos do Sul” (Ganter & Ortega, 2019; Kozman, 2021; Mitchelstein & Boczkowski, 2021; Willems, 2021, Zeng & Chan, 2023).

Para entender essa situação, deve-se analisar a estrutura institucional que mantém a globalização dos estudos de comunicação. É uma arquitetura institucional, em grande medida, originalmente estabelecida nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Funciona como uma plataforma global, mas é fabricada com peças de origem ocidental. Isso se reflete em aspectos-chave. Os quadros conceituais e teóricos, bem como a base empírica; as universidades, os periódicos e as organizações profissionais mais proeminentes; a enorme capacidade de produção, financiamento e redes profissionais nesses países são significativamente



Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

maiores do que em outras partes do mundo. Isso consiste em uma infraestrutura de publicação essencialmente controlada por corporações com sede no Norte Global que obtêm enormes rendimentos do trabalho (em grande parte, sem remuneração) de acadêmicos de todo o mundo (Collyer, 2018).

Dadas essas condições, não é surpresa que a globalização tenha um rosto nitidamente ocidental. A academia talvez tenha uma retórica, um imaginário e uma ambição mundial, mas fala com um forte sotaque de alguns poucos países. É mais internacional do que realmente global, uma vez que é construída sobre a expansão de instituições originalmente construídas para apoiar o trabalho de acadêmicos no Norte Global. A academia globalizada reflete a desigualdade histórica das condições do trabalho acadêmico e da circulação mundial de ideias. Não se desenvolve em estruturas construídas *ex nihilo*, com uma visão realmente inclusiva e equitativa, ou com poder igualmente distribuído. Pelo contrário, é produzida fundamentalmente dentro do contexto de estruturas anteriores e novas instituições (como periódicos acadêmicos e conferências) com sede principalmente no Norte Global, em processo de adaptação às demandas e às necessidades da globalização.

É importante destacar indícios de abertura e inclusão do Sul Global: a crescente incorporação de pesquisadoras do Sul Global em corpos editoriais de periódicos e publicações; o ligeiro aumento da quantidade de artigos em periódicos que lideram rankings mundiais; números especiais de publicações sobre a desocidentalização dos estudos de comunicação; a tradução parcial ou completa de artigos e resumos em outros idiomas; e a crescente diversidade nacional e institucional de associações profissionais e conferências dos Estados Unidos e da Europa. Essas inovações refletem uma maior consciência sobre a necessidade de abrir as estruturas institucionais a vários olhares e tradições acadêmicas, dinamizada em grande parte pelo esforço e pelas demandas de acadêmicos interessados em expandir a presença do Sul Global.

Seria errado pensar que esses avanços são puramente superficiais. A ordem atual não é idêntica à vigente décadas atrás no Norte Global, que era mais homogênea e com espaços mínimos para vozes do Sul Global e perspectivas críticas sobre poder e conhecimento no fluxo de ideias acadêmicas. Hoje existem canais para debater os pontos cegos da globalização, garantir maior representação e reconhecimento, e expressar a crítica à falta de consciência e interesse em enfrentar as desigualdades persistentes.

Essas mudanças são importantes, mas insuficientes. A frustração e o descontentamento com a situação atual persistem em razão de dívidas pendentes e insistentes obstáculos. A diversificação tem limites sensíveis, dadas as desigualdades estruturais. A situação básica permanece inalterada

– disparidades de recursos destinados a financiamento de pesquisa, laços profissionais e pessoais com redes mundiais estabelecidas no Norte Global, e a procedência histórica do aparelho institucional vigente. Isso explica por que os estudos “globais” de comunicação conservam um nítido rosto ocidental. Questões globais aparecem, mas em um plano diferente, como se fossem áreas de especialidade, em edições de periódicos e painéis ou séries editoriais específicas. A marginalização é real em razão da falta de priorização, das carências, das posturas simplesmente simbólicas e do esquecimento (Makoni & Masters, 2021).

Essa condição é palpável para acadêmicos com interesse em tópicos e perspectivas fora da academia “ocidental”, especialmente para aqueles que têm interesse em tópicos do Sul Global e trabalham, lá e cá, de culturas acadêmicas distintas e redes internacionais. Enfrentamos desvantagens próprias de trabalhar em um sistema direcionado principalmente ao Norte Global em vez de ao mundo, que conserva uma maior sintonia com interesses domésticos do que com uma visão global da academia. A estrutura institucional continua a ser fortemente direcionada a questões nacionais e, no caso europeu, também regionais. Jogamos como visitantes apesar de sermos “estranhos íntimos” (Ritivoi, 2014) em virtude da nossa estreita familiaridade com a academia ocidental, produto da situação de acadêmicos-imigrantes por formação e ocasionais estadias de trabalho. Não é exagero usar a analogia esportiva, para além de existirem diferenças dentro da enorme categoria de acadêmicos de origem no Sul Global e/ou com interesse em temáticas não ocidentais. Jogamos com as mesmas expectativas de culturas acadêmicas, mas as condições são diferentes.

Há uma série de regras (in)visíveis de treinamento e comunicação acadêmica “oficial” a ser seguidas. Falar, escrever e apresentar em inglês (segunda ou terceira língua); aderir a culturas acadêmicas de pesquisa e redação aceitas por órgãos financiadores e editores de publicações; explicar a relevância de temas locais/regionais de pesquisa a colegas do Norte Global (situação que geralmente não é recíproca). Obviamente, nós que somos formados e estamos estabelecidos na academia do Norte Global temos uma vantagem em termos de proximidade de conhecimento e presença geográfica. A situação é visivelmente mais complicada e difícil para colegas do Sul Global com conexões fracas ou mínimas com a academia do Norte Global; eles vão enfrentar uma série de obstáculos se tiverem interesse em participar ativamente da academia “global”.

A explicação para essa lenta transição e letargia institucional é relativamente direta. No Norte Global, perduram incentivos nacionais e regionais para pesquisa (financiamento), publicação (plataformas) e reconhecimento (citações bibliográficas, prêmios). Nessas condições, o principal atrativo continua sendo



Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

produzir conhecimento em sintonia com acontecimentos e preocupações nacionais (e regionais, no caso europeu) que influenciam tanto a agenda acadêmica quanto a dos órgãos financiadores.

O enorme circuito acadêmico ocidental, pródigo em recursos e com ativas redes profissionais de colaboração, funciona relativamente bem para a maioria de seus membros. Não há motivos urgentes para que mude. Não está em crise ou em situação desesperadora que exija atenção e perspectivas diferentes. Serve perfeitamente às necessidades de formação e desenvolvimento profissional e intelectual. Portanto, não há motivações para modificar radicalmente a estrutura vigente. Existem dezenas de projetos internacionais e comparativos que mostram justamente a importância de colocar questões comuns globais e perspectivas integradoras no centro. No entanto, as estruturas e o sistema de incentivos não estão fundamentados na inclusão do Sul Global, no reconhecimento de diferenças de âmbito global ou na importância do diálogo acadêmico global. Há espaços para essas questões, mas são limitados em comparação a perspectivas e temáticas dominantes da academia norte-americana ou europeia, próprios de situações locais e nacionais.

As condições são diferentes no Sul Global, onde a academia foi historicamente exposta ao conhecimento acadêmico do Norte Global e, mais limitadamente, a certas correntes de pensamento e pesquisa. Nem a internacionalização nem a globalização intelectual foram opções ou demandas propriamente ditas, mas aspectos imersos na circulação de ideias nas universidades e na esfera pública. O simples fato de estudar ou trabalhar em um estudo de comunicação ou disciplinas adjacentes automaticamente permite uma familiaridade com ideias ocidentais ou, pelo menos, com um núcleo de universidades e países. A internacionalização e a globalização têm sido constitutivas e obrigatórias mais do que desenvolvimentos recentes, possibilidades de trajetória intelectual ou áreas de especialização.

Em vista de avanços e desigualdades constantes, é preciso questionar quais ações são necessárias. Não é fácil desviar o rumo do imenso transatlântico de fabricação norte-americano-europeu ocidental que funciona como infraestrutura da academia globalizada. Enquanto não houver mudanças estruturais, será difícil imaginar maior horizontalização e inclusão, entretanto, as instituições refletem a proximidade e o domínio de agendas ocidentais. Alcançar maior igualdade de condições exige mudanças fundamentais em estruturas de poder – algo semelhante à emergência de um contrapoder com capacidade institucional e financeira para ganhar e disputar terreno ou construir redes paralelas baseadas em princípios diferentes. Vale a pena explorar essas possibilidades, mesmo que sejam logisticamente complicadas.

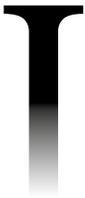
A DESOCIDENTALIZAÇÃO DOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

Sem mudanças profundas, é difícil pensar na existência de uma revolução intelectual *online* com a proposta de desocidentalizar e/ou descolonizar o pensamento em comunicação.

A desocidentalização visa uma modificação da epistemologia dominante – uma revisão e atitude crítica em relação ao conhecimento recebido principalmente de uma base empírica e quadros analíticos limitados a uma parte do mundo. Como processo de crítica e criação, é vital para cultivar uma perspectiva cosmopolita (Waisbord, 2022), aberta e curiosa por uma enorme variedade de abordagens e interesses, consciente de hierarquias e direcionada a problemas teóricos e questões comparativas. A descolonização parte do diagnóstico de que as desigualdades da academia global estão enraizadas na história do colonialismo intelectual como elemento integral do expansionismo ocidental de exploração do Sul Global. O colonialismo implica o domínio do conhecimento por meio da imposição de epistemologias e visões ocidentais. Ele enfatiza as relações de poder e o papel da violência como domínio social. Enxerga as instituições acadêmicas como engrenagens de transmissão e imposição intelectual.

A desocidentalização é um movimento intelectual difuso, com múltiplas faces, caracterizado por críticas às premissas e às ambições do conhecimento acadêmico centrado no Ocidente. É um processo multifacetado que exige mudanças no objeto de estudo, nas evidências, nos enquadramentos de análise e nas culturas acadêmicas (Waisbord & Mellado, 2014). Ela exige que a academia ocidental explore e questione seus pontos cegos, se abra aos estudos globais e convoca a academia do Sul Global a desenvolver e fortalecer um pensamento único, original, crítico às relações globais de poder. Denuncia as desigualdades na academia globalizada, a hegemonia constante e as aspirações universalistas das perspectivas ocidentais, o fluxo global unidirecional de ideias acadêmicas e o limitado ou nulo interesse da academia no Norte Global por ideias e debates do Sul Global. Em sua variante que defende a descolonização do conhecimento, acusa a academia ocidental de epistemicídio. A desocidentalização tem como objetivo não simplesmente assegurar espaços de presença e debate, mas também questionar o conhecimento recebido, produzido e herdado de condições históricas de produção. Ela aspira a uma verdadeira revolução intelectual, mais do que a atos simbólicos de garantir espaços.

Infelizmente, o argumento que apela à “desocidentalização” do conhecimento global corre o risco de se tornar uma área de interesse específica, um nicho de especialização, em vez de uma posição ou uma sensibilidade intelectual que permeie diferentes áreas de pesquisa e convide ao diálogo entre diferentes epistemologias. Essa dinâmica pode ser atribuída a dois fatores.



Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

Numa época de pluralismo epistemológico e ontológico, não há um centro claro, definido, estático, a modificar. Os estudos de comunicação abrangem uma longa lista de regiões, distritos e comunidades de interesse dispersas, sem foco teórico ou cânone compartilhado. Portanto, qualquer mudança ambiciosa como a desocidentalização exige um trabalho paciente, de longo prazo e em várias frentes. Existem redes mantidas por um sistema de financiamento da pesquisa e afiliação institucional das principais universidades do mundo.

Outro fator que afeta a desocidentalização é a curiosidade limitada pelo pluralismo e pela abertura a diferentes tradições intelectuais. Isso implica mudanças nas raízes da formação e do trabalho, onde se valorize e estimule uma mentalidade cosmopolita que incentive o reconhecimento, a compreensão e o apreço por correntes intelectuais de diferentes procedências.

O projeto de desocidentalizar colide com dinâmicas locais e regionais no Norte Global que conservam enorme peso e contrariam os impulsos para uma maior globalização intelectual. É uma aspiração legítima, mas precisa ser acompanhada de condições institucionais propícias. Apelar unicamente ao seu suposto poder persuasivo é insuficiente na medida em que não está em sintonia com os fatores que perpetuam epistemologias baseadas nos fundamentos existentes. Mudar a estrutura dominante com evidentes feições ocidentais não é uma tarefa simples pelas razões já aqui discutidas. Certamente, abrir perspectivas e garantir reconhecimento em um sistema construído e mantido para dentro (Schöpf, 2020) é um desafio fenomenal, posto que implica mudar o centro de gravitação institucional global dos estudos de comunicação – periódicos, associações profissionais, conferências, currículos, escolas e universidades. Isso equivale a uma autêntica revolução na produção e na circulação do conhecimento, a reformas estruturais e mudanças significativas na orientação das culturas acadêmicas.

O QUE FAZER?

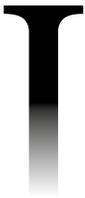
Diante dessa situação, é necessária uma visão compreensiva em busca de uma academia global, cosmopolita, desocidentalizada, que questione as condições históricas e presentes do centrismo e o colonialismo epistêmico. Essa visão busca priorizar a integração sobre a exclusão, a diferença sobre a homogeneidade, o nivelamento de oportunidades diante das desigualdades e o reconhecimento sobre a invisibilidade, o silenciamento e a ausência de perspectivas do Sul Global (ver Willems, 2021). Enquanto os problemas constantes forem concebidos como “marginais” ou demandas particulares de certos grupos, será difícil pensar em mudanças radicais.

Não é um problema que se resolve simplesmente com números especiais de periódicos, painéis dedicados a esse tema em conferências internacionais ou nomeação de pesquisadores do Sul Global em corpos editoriais, por mais que essas iniciativas tenham valor e sejam passos importantes. Trata-se de uma limitação estrutural, que exige trabalho compartilhado e atenção constante. Não é algo que se resolve com cotas de representação, porque os problemas estão enraizados em estruturas viradas para outra direção.

Além disso, é importante considerar que a crítica em si não é suficiente, ainda que seja necessária para demonstrar áreas cegas do ocidental-centrismo, as diferentes formas de exclusões e desigualdades, e a perpetuação de estruturas de poder. É preciso convocar ações conjuntas em várias direções e instâncias, e reconhecer que os obstáculos estão fundamentados em desigualdades econômicas e políticas, assim como as disposições intelectuais como o dogmatismo, o essencialismo e a falta de curiosidade.

Embora muito tenha sido discutido sobre as deficiências do sistema atual, não temos um roteiro claro para “as epistemologias do Sul” na academia globalizada ou sobre como transcender opções binárias problemáticas entre a academia do Norte e a do Sul Global (“produção de teoria” vs. “áreas de especialização geográfica”). Sabemos intuitivamente o que fazer nas condições dominantes, por mais que se careça de abundante documentação que considere e examine o impacto de numerosas ações e esforços em curso.

Um ponto de partida é reconhecer que as oportunidades são extremamente variadas. A globalização acadêmica existe em inúmeros sites (associações, publicações, universidades, projetos de pesquisa), próprios da balcanização da comunicação como pós-disciplina (Waisbord, 2019). Existem áreas temáticas inclinadas a incluir diferentes epistemologias, como pesquisa sobre jornalismo e migração (Fengler et al., 2022), culturas transnacionais, trabalho criativo (Alacovska & Gill, 2019) e políticas públicas/plataformas digitais. Por outro lado, outras áreas, como comunicação política (Vaccari, 2022), comunicação organizacional (Vásquez, 2019) e abordagens computacionais (Yi & Zhang, 2023), permanecem solidamente direcionadas a estudos e perspectivas centradas nos Estados Unidos e em países europeus, com limitada representação e participação do Sul Global. De modo semelhante, há linhas e projetos particulares com caráter global e comparativo elaborados justamente para facilitar e cultivar perspectivas globalizadas. Portanto, é errado supor que as oportunidades de diversificação de culturas acadêmicas e reconhecimento de estudo do Sul Global (incluindo a América Latina) sejam semelhantes em universidades, associações profissionais, publicações, órgãos de financiamento e projetos de pesquisa.



Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

Outra questão a enfatizar é o leque de posicionamentos possíveis diante da situação descrita. Os posicionamentos variam do ceticismo absoluto ao otimismo e devem ser compreendidos em contextos específicos. As opções podem ser compreendidas em termos de “saída” ou “voz”, no sentido dado pelo economista Albert Hirschman (1977). “Saída” implica não se envolver em instituições acadêmicas “centrais” da globalização e preferir se envolver em outros espaços que possam ser mais receptivos a epistemologias do Sul. “Voz” diz respeito a participar de instituições globais com o objetivo de agregar presença e reconhecimento.

Da mesma forma, a posição de produção e a afiliação institucional de pesquisadores/as em universidades e países provavelmente influenciam opções e decisões. “Saída” não é uma opção fácil para acadêmicos do Norte Global, por mais que estejam frustrados e desencantados, ao passo que a participação em instituições globais é imprescindível para suas carreiras acadêmicas. “Voz” é uma opção obrigatória para acadêmicos do Sul Global cujas universidades e escolas exigem, incentivam e/ou premiam membros, publicações e apresentações em instituições globais. Além disso, as opções variam de acordo com a formação no Norte Global e o conforto em relação à produção em inglês e dentro das tradições existentes. As credenciais de universidades do Norte Global são influentes em termos de estimular e expandir a presença de acadêmicos e sua produção intelectual em circuitos internacionais (Demeter, 2019).

QUESTIONAR A RELEVÂNCIA DOS ESTUDOS LATINO-AMERICANOS DE COMUNICAÇÃO

Considerando os desafios atuais, é necessário questionar-se sobre as contribuições contemporâneas dos estudos latino-americanos de comunicação para a academia global. Com ampla justificativa, a região exibe com orgulho uma tradição de contribuições originais em temas como os estudos sobre a comunicação participativa, as complexas relações entre comunicação e cultura, e a comunicação popular.

Com essa tradição de pano de fundo, cabe questionar como ganhar espaços e fazer contribuições particulares na academia global, considerando a ampla agenda de pesquisa na região. Fazer-se essa pergunta não tem como objetivo identificar ou debater os méritos de pesquisas particulares, o que facilmente se torna uma questão de preferências pessoais sobre qualidade e originalidade. A intenção é outra: entender mais amplamente como contribuir com discussões globais a partir da pesquisa na e sobre a América Latina. Podemos estar convencidos da importância de “Ler o Sul”, mas por que a academia global deveria

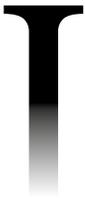
ler trabalhos sobre a América Latina? Quais são as contribuições em termos analíticos e temas de trabalho? Como ser relevante em uma vasta e polifônica pós-disciplina, fragmentada em uma série de linhas de pesquisa? Existem inovações conceituais, teóricas e metodológicas únicas? Quais são as carências e os pontos cegos da academia global que são inteligíveis à luz da produção latino-americana? O que trazemos de original em termos de objetos de estudo, perspectivas teóricas, bagagem conceitual, inovações metodológicas?

Debater essas questões é importante para posicionar nosso trabalho, individual e coletivamente. Reivindicar a necessidade de acadêmicos do Norte Global conhecerem e incluírem a produção do Sul Global dificilmente modificará padrões estabelecidos se não for acompanhada de argumentos contundentes.

Pode-se argumentar, com alguma razão, que essa orientação e esses questionamentos sobre a relevância global são injustas e que demonstram, precisamente, parâmetros desiguais. Eles não são preocupações para o coração da academia ocidental. Lamentavelmente, as mesmas regras (e questões) não se aplicam à produção acadêmica de diversas regiões, justamente devido à situação de domínio histórico do Norte Global e à condição periférica da academia latino-americana. As condições de centralidade e privilégio global explicam tanto a premissa de suposta relevância de descobertas e conclusões quanto a ausência de autopercepção como uma contribuição particular e localizada para a academia global.

Indagar a relevância global da produção latino-americana é importante considerando a falta de curiosidade e a indiferença para com a academia do Sul Global. Essa atitude é tão problemática quanto o antagonismo furioso. De fato, raramente são ouvidos argumentos abertos a favor da exclusão ou da compartimentalização do conhecimento e do trabalho acadêmico, ou um apelo para redobrar o provincialismo acadêmico. A atitude comum não é de hostilidade aberta e furiosa ou de críticas sobre a qualidade da produção. Por outro lado, o desinteresse e a marginalização silenciosa são mais comuns do que possíveis divergências ou debates entre posições diferentes.

Seria possível pensar, com alguma razão, que a desocidentalização/descolonização não é unicamente um projeto para ganhar espaço na academia global: fundamentalmente, é um chamado a despertar a atenção e a estimular o interesse – isto é, apelar, inicialmente, a virtudes essenciais da curiosidade na academia, longamente louvadas no pensamento ocidental como características humanas essenciais. Aristóteles observou que “nada é melhor do que ser curioso”; segundo David Hume, curiosidade é “amor pela verdade”. No entanto, dificilmente se avança apenas recorrendo a determinadas disposições ou virtudes intelectuais. Não é uma simples questão de atitudes individuais ou posições



Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

nobres em abstrato, mas de decisões e perspectivas enraizadas em dinâmicas de poder e estruturas institucionais.

Dadas essas condições, a falta de curiosidade por visões e epistemologias alternativas não é uma falha da imaginação individual, mas deve ser compreendida como sintoma da ordem de poder vigente (Zurn, 2021). Para recordar o óbvio: quem detém o poder não está exatamente disposto a ser curioso pelos lugares ocultos do poder, a reconhecer e admitir que questões básicas devem ser revisadas ou concordar sobre a necessidade de valorizar e incluir perspectivas marginalizadas. Não há inclinação natural para examinar com entusiasmo a tradição anterior e as posições atuais. Por mais que o pensamento crítico e a curiosidade sejam o *grand recit* da academia global, o poder articula e limita a receptividade a ideias diferentes e pungentes.

Michel Foucault (1988) observou: “a curiosidade evoca ‘preocupação’; evoca o cuidado com o que existe e poderia existir; uma disposição de achar estranho e singular o que nos rodeia; uma certa diligência para romper com nossas familiaridades e para considerar de outro modo as mesmas coisas; um fervor para captar o que acontece e o que é; um sentido de acidentalidade a respeito das hierarquias tradicionais quanto ao que é importante e o que é essencial. Eu sonho com uma nova era de curiosidade.” Curiosidade e crítica são mais do que uma simples vontade ou atitude. Demandam canais de comunicação e ação abertos e ativos, ligados a decisões que afetam questões estruturais. Devem-se proporcionar oportunidades de compartilhamento para entender obstáculos, identificar possibilidades e avaliar resultados, entendendo que a curiosidade é uma atitude política na medida em que está ligada a questões de autoridade, poder e instituições.

Atender e entender as ligações entre poder e conhecimento são tarefas imprescindíveis. São um tônico para a memória que nos lembra que a cooperação, a crítica e a curiosidade como virtudes acadêmicas convivem em permanente tensão com outras disposições, menos virtuosas – a disputa pelo poder, a competição e a vaidade. Essas características menos nobres carecem da retórica sedutora e inspiradora do imaginário acadêmico, mas são comuns e excessivamente humanas. Elas não devem ser negligenciadas no momento de entender as possibilidades de mudanças profundas rumo a uma academia global.

Por isso, é importante que a presença latino-americana em instituições internacionais – conferências, publicações, projetos de cooperação e outras instâncias – esteja consciente de sua relevância e suas contribuições. É importante entender as contribuições originais em “áreas de contato” da academia global para tópicos específicos de pesquisa, bagagem teórica, renovação conceitual, estruturas analíticas e inovações metodológicas. Caso contrário, é difícil pensar

em como linhas de pesquisa, por mais que sejam consideradas válidas e importantes em contextos locais e regionais, podem encontrar públicos em fóruns e instituições internacionais.

Nesse desafio, subjaz um tema vital na academia global: a posição crítica diante de conhecimentos, teorias, conclusões e conceitos baseados em contextos diferentes. A enorme quantidade de trabalhos acadêmicos, exceto estudos comparativos, está focada em estudos de caso de populações, instituições e fenômenos comunicativos locais. O fato de que teorias e conceitos baseados em contextos particulares adquirem circulação e referência global não significa necessariamente que sejam relevantes fora de seus contextos originários. Na verdade, esse é um aspecto central a ser determinado – se, de fato, os conceitos forem relevantes e as conclusões forem válidas quando diferentes variáveis e contextos entrarem em jogo.

MAPA DE AÇÕES

Tendo em vista essas considerações, proponho um mapa de ações. Sugiro três rotas de ação que se complementam: consolidar espaços de reconhecimento e apoio; cultivar redes de colaboração e pesquisa com perspectivas comparativas e integradoras; e participar de espaços compartilhados (corpos editoriais, liderança de associações, avaliações/críticas de trabalhos e propostas).

Uma série de ações deve contribuir para *consolidar espaços de reconhecimento e apoio*. É necessário participar de diferentes plataformas, organizações e redes para afirmar a presença de acadêmicos e trabalhos do Sul Global. Seja em instituições do Sul Global ou dos Estados Unidos e da Europa, essas oportunidades costumam ser fundamentalmente momentos de encontro e autorreconhecimento para aqueles que compartilham perspectivas desocidentalizantes. São oportunidades para aprender e debater temas e interesses comuns entre aqueles que já estão alertas e/ou convencidos da importância do trabalho em países e regiões do Sul Global. Elas se concretizam em painéis de conferências, edições especiais de periódicos, séries “geográficas” de editoras e outros espaços. São formas essenciais de trabalho e compartilhamento acadêmico para o desenvolvimento profissional. Obviamente, essas oportunidades, especialmente se vinculadas a instituições do Norte Global, nem sempre estão ao alcance da maioria dos acadêmicos (Ekdale et al., 2022). Questões como o idioma de publicações e de apresentações, disponibilidade de recursos, incentivos universitários, facilidades para obter vistos de entrada em certos países (e participar de conferências ou grupos de trabalho), expectativas sobre produção intelectual e conexões com redes profissionais são fatores que afetam a participação nesses espaços. Um



Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

desafio é justamente resolver esses problemas básicos para garantir presença e diversidade em múltiplos espaços.

Outras ações necessárias são participar de *redes de colaboração e pesquisa com perspectivas internacionais, comparadas e integradoras*. Esses projetos são lugares propícios não somente para afirmar presença, mas também para demonstrar perspectivas cosmopolitas em ação, interessadas em problemas teóricos e normativos, inclusivas quanto a ontologias e enfoques metodológicos. Contribuem para conhecer colegas e instituições, facilitar a comunicação, desenvolver iniciativas comuns, somar diferentes habilidades e experiências, e conseguir apoios.

Por fim, outras ações devem *visar fortalecer presença e liderança* em estruturas globais. É importante construir e consolidar espaços regionais e de compartilhamento Sul-Sul/Sul-Norte dentro das instituições globais, sejam associações profissionais ou periódicos. Sem uma contraoferta institucional global, com recursos para manter redes alternativas, não restam muitas possibilidades além de afirmar a presença em espaços dentro da academia global. Embora as redes geolinguísticas de pesquisa sejam fundamentais pelas razões já mencionadas, é importante também participar de espaços situados no cruzamento de diferentes tradições e culturas acadêmicas. Dificilmente essa presença resolve de uma só vez estruturas político-econômicas e desigualdades globais. No entanto, tem o potencial de contribuir para mudanças significativas ao abrir oportunidades de colaboração, discutir deficiências das instituições dominantes e manter a atenção sobre a importância da diversificação, reconhecimento e compartilhamento de diferentes epistemologias.

É importante ir além do simples “cotismo” de formas convencionais de participação, que relegam enfoques do Sul Global a espaços dedicados ou limitados e costumam contar principalmente com a atenção e apresentação do “clã” – aqueles que já conhecem e estão convencidos da importância dessas iniciativas e abordagens. É vital ir além de conversas consanguíneas entre acadêmicos que pensam de forma semelhante sobre essas questões. A participação deve ser incentivada em espaços heterogêneos e amplos, dentro e fora de áreas de especialização.

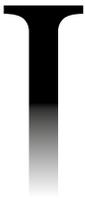
PERGUNTAS DESCONFORTÁVEIS E DISPOSIÇÕES INTELLECTUAIS

As propostas sugeridas não assumem que os desafios sejam simples. Mudar o centro de gravidade da academia global envolve enfrentar as desigualdades estruturais. Não é uma questão simplesmente de estimular o diálogo e abrir o pensamento às epistemologias do Sul Global.

A desocidentalização é *um projeto essencialmente político*, que questiona e critica as relações de poder e conhecimento existentes. Ela provoca reflexões sobre as próprias bases e os limites da produção acadêmica. Convoca a repensar a relevância de ideias produzidas em contextos particulares e culturas acadêmicas determinadas. Revisa premissas epistemológicas essenciais. Lança um olhar cético sobre a suposta universalidade dos argumentos. Questiona a aplicabilidade de ideias a situações diferentes. Formula perguntas fundamentais: qual é a origem de questões, teorias e metodologias? Sobre quais evidências são tiradas conclusões? Qual é a população estudada? Qual é a posição a partir da qual se testa e se defende uma hipótese? Qual é o papel dos processos históricos e culturais? Os argumentos são aplicáveis a outros contextos? O que se perde de vista com determinadas lentes analíticas, produto de formação acadêmica específica e condições de conhecimento particulares?

Essas perguntas são provocações justificadas que geram desconforto. Elas nem sempre encontram uma recepção calorosa, com tapete vermelho acolchoado e aperitivos de boas-vindas. Além de adotar um tom combativo ou dialogista, questionar o centrismo e a hegemonia intelectual na academia global inevitavelmente leva a discussões difíceis. Denuncia ideias fetichistas que cativam certas tribos acadêmicas. Convida a conversar com posições céticas e críticas a conhecimentos acumulados e canônicos no Norte Global. Tenta tirar o conhecimento de suas certezas e fundamentos. Disputa afirmações sobre autoridade e legitimidade em qualquer disciplina, campo ou área de especialização. Desnaturaliza aspectos habituais da academia global – o uso do inglês, as culturas sobre excelência acadêmica, literaturas canônicas em diferentes áreas de especialização. Obriga a olhar-se no espelho e pensar o que nem sempre foi pensado.

Enfrentar as desigualdades da academia global é um empreendimento ambicioso e necessário: assegurar a inclusão de temas e epistemologias diferentes, maiores condições de igualdade e oportunidades, cultivar perspectivas transnacionais, aliviar as enormes disparidades de financiamento de pesquisa e de oportunidades de publicação. Os obstáculos são evidentes, embora indiscerníveis como um papel de parede. Eles estão integrados na própria textura da academia global. Buscar possibilidades eficazes é fundamental para transformar o potencial da globalização acadêmica em contribuições duradouras para os estudos em comunicação. Exige humildade e curiosidade, crítica e colaboração, questionar e nivelar as condições atuais, cultivar sensibilidades cosmopolitas e promover interações entre diferentes epistemologias e culturas acadêmicas. ■

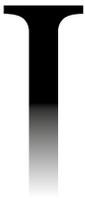


Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

REFERÊNCIAS

- Alacovska, A., & Gill, R. (2019). De-westernizing creative labour studies: The informality of creative work from an ex-centric perspective. *International Journal of Cultural Studies*, 22(2), 195-212. <https://doi.org/10.1177/136787791882123>
- Albuquerque, A., Oliveira, T. M., Santos, M. A., Jr., & Albuquerque, S. O. F. (2020). Structural limits to the de-westernization of the communication field: The editorial board in Clarivate's JCR system. *Communication, Culture and Critique*, 13(2), 185-203. <https://doi.org/10.1093/ccc/tcaa015>
- Cannizzo, F., & Osbaldiston, N. (Eds.). (2019). *The social structures of global academia*. Routledge.
- Chan, M., Yi, J., Hu, P., & Kuznetsov, D. (2021). The politics of contextualization in communication research: Examining the discursive strategies of non-US research in communication journals. *International Journal of Communication*, 15, 5272-5294.
- Collyer, F. M. (2018). Global patterns in the publishing of academic knowledge: Global North, global South. *Current Sociology*, 66(1), 56-73. <https://doi.org/10.1177/00113921166800>
- Comaroff, J., & Comaroff, J. (2012, 25 de febrero). Theory from the South: A rejoinder. *The Johannesburg Salon*. <https://bit.ly/474PM84>
- Congressional Research Service. (2022). *Global research and development expenditures: Fact sheet*. <https://bit.ly/40s3LSU>
- Demeter, M. (2019). So far, yet so close: International career paths of communication scholars from the global south. *International Journal of Communication*, 13, 578-602.
- Ekdale, B., Biddle, K., Tully, M., Asuman, M., & Rinaldi, A. (2022). Global disparities in knowledge production within journalism studies: Are special issues the answer? *Journalism Studies*, 23(15), 1942-1961. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2022.2123846>
- Engel, F., & Becerra, M. (2018). Aquí y allá: (Re)situando a América Latina en la teoría de la comunicación internacional. *Communication Theory*, 28(2), 111-130.
- Fengler, S., Bastian, M., Brinkmann, J., Zappe, A. C., Tatah, V., Andindilile, M., Lengauer, M., Assefa, E., Chibita, M., Mbaine, A., Obonyo, L., Quashigah, T., Skleparis, D., Splendore, S., Tadesse, M., & Lengauer, M. (2022). Covering migration – in Africa and Europe: Results from a comparative analysis of 11 countries. *Journalism Practice*, 16(1), 140-160. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1792333>

- Foucault, M. (1988). *Politics, philosophy, culture: Interviews and other writings (1977-1984)* (L. D. Kritzman, Ed.). Routledge.
- Fuentes-Navarro, R. (2016). Institutionalization and internationalization of the field of communication studies in Mexico and Latin America. In P. Simonson & D. Park (Eds.), *The international history of communication study* (pp. 325-345). Routledge.
- Ganter, S. A., & Ortega, F. (2019). The invisibility of Latin American scholarship in European media and communication studies: Challenges and opportunities of de-westernization and academic cosmopolitanism. *International Journal of Communication*, 13, 68-91.
- González-Samé, H., Romero-Rodríguez, L. M., & Aguaded, I. (2017). La investigación en comunicación en Latinoamérica: Una aproximación histórica (1950-2016). *Historia y Comunicación Social*, 22(2), 427-445. <https://doi.org/10.5209/HICS.57853>
- Heilbron, J. (2023). Making sense of globalizing social science. In D. Fassin & G. Steinmetz (Eds.), *The social sciences in the looking glass: Studies in the production of knowledge* (pp. 262-285). Duke University Press.
- Hirschman, A. O. (1977). *Salida, voz y lealtad: Respuestas al deterioro de empresas organizaciones y estado*. Fondo de Cultura Económica.
- Jin, D. Y. (2021). Encounters with Western media theory: Asian perspectives. *Media, Culture & Society*, 43(1), 150-157.
- Keightley, E., Li, E. C. Y., Natale, S., & Punathambekar, A. (2023). Encounters with Western media theory. *Media, Culture & Society*, 45(2), 406-412.
- Kozman, C. (2021). Reconceptualizing Arab media research: Moving from centrism toward inclusiveness and balance. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 98(1), 241-262.
- Makoni, S., & Masters, K. A. (2021). Decolonization and globalization in communication studies. *Oxford Research Encyclopedia of Communication*. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.1152>
- Mitchelstein, E., & Boczkowski, P. J. (2021). What a special issue on Latin America teaches us about some key limitations in the field of digital journalism. *Digital Journalism*, 9(2), 130-135. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1873813>
- Moyo, L. (2020). *The decolonial turn in media studies in Africa and the Global South*. Springer.
- Mutua, E. M., Musa, B. A., & Okigbo, C. (2022). (Re)visiting African communication scholarship: Critical perspectives on research and theory. *Review of Communication*, 22(1), 76-92.



Como enfrentar as desigualdades da academia global nos estudos de comunicação?

- Oyedemi, T. (2020). (De)coloniality and South African academe. *Critical Studies in Education*, 61(4), 399-415.
- Ritivoi, A. D. (2014). *Intimate strangers: Arendt, Marcuse, Solzhenitsyn, and Said in American Political Discourse*. Columbia University Press.
- Schöpf, C. (2020). The coloniality of global knowledge production: Theorizing the mechanisms of academic dependency. *Social Transformations: Journal of the Global South*, 8(2), 5-46.
- Suzina, A. C. (2021). English as lingua franca. Or the sterilisation of scientific work. *Media, Culture & Society*, 43(1), 171-179.
- The ten leading countries in natural-sciences research. (2020, 29 de abril). *Nature*. <https://go.nature.com/47lDyHS>
- Trepte, S., & Loths, L. (2020). National and gender diversity in communication: A content analysis of six journals between 2006 and 2016. *Annals of the International Communication Association*, 44(4), 289-311. <https://doi.org/10.1080/23808985.2020.1804434>
- Vaccari, C. (2022). The international and post-disciplinary journey of political communication: Reflections on “Media-centric and politics-centric views of media and democracy: A longitudinal analysis of political communication and the international journal of press/politics”. *Political Communication*, 39(2), 286-290. <https://doi.org/10.1080/10584609.2021.1966599>
- Vasallo de Lopes, M. I., & Romancini, R. (2016). History of communication study in Brazil: The institutionalization of an interdisciplinary field. In P. Simoson & D. Park (Eds.), *The international history of communication study* (pp. 346-365). Routledge.
- Vásquez, C. (2019). De la (im)posibilidad de desprenderse: Relato de un intento fallido de desoccidentalizar la comunicación organizacional. *Organicom*, 16(30), 103-114.
- Waisbord, S. (2019). *Communication: A post-discipline*. Polity.
- Waisbord, S. (2022). What is next for de-westernizing communication studies? *Journal of Multicultural Discourses*, 17(1), 26-33. <https://doi.org/10.1080/17447143.2022.2041645>
- Waisbord, S., & Mellado, C. (2014). De-westernizing communication studies: A reassessment. *Communication Theory*, 24(4), 361-372. <https://doi.org/10.1111/comt.12044>
- Willems, W. (2021). Unearthing bundles of baffling silences: The entangled and racialized global histories of media and media studies. *History of Media Studies*, 1. <https://doi.org/10.32376/d895a0ea.52801916>

- Yi, J., & Zhang, W. J. (2023). Mapping the global flow of computational communication science scholars. *The Journal of International Communication*, 29(1), 144-171. <https://doi.org/10.1080/13216597.2022.2160780>
- Zeng, J., & Chan, C.-H. (2023). Envisioning a more inclusive future for digital journalism: A diversity audit of journalism studies (2013-2021). *Digital Journalism*, 11(4), 609-629. <https://doi.org/10.1080/21670811.2023.2182803>
- Zurn, P. (2021). *Curiosity and power: The politics of inquiry*. University of Minnesota Press.

Artigo recebido em 31 de julho de 2023 e aprovado em 20 de setembro de 2023.